

BIBLIOFILIA, BIBLIOGRAFIAS E A CONSTRUÇÃO DO SISTEMA AXIOLÓGICO DA RARIDADE

BIBLIOFILIA, BIBLIOGRAFÍAS Y LA CONSTRUCCIÓN DEL SISTEMA AXIOLÓGICO DE LA RARIDAD

Diná Marques Pereira Araújo^a
Alcenir Soares dos Reis^b
Fabrício José Nascimento da Silveira^c

RESUMO

Introdução: Apresenta e discute práticas socioculturais vinculadas à Bibliofilia e à Bibliografia que contribuíram para a elaboração do conceito de livro raro no âmbito do *coleccionismo librario* do século XVIII. **Objetivo:** Identificar os fundamentos históricos e teóricos que amparam a formulação do conceito de livro raro no século XVIII, especialmente no universo da Bibliofilia, com o intuito de contextualizar a definição da raridade. **Método:** Para tanto, realizou-se pesquisa exploratória e teórico-descritiva com enfoque histórico-cultural para Bibliofilia e a Bibliografia. A coleta de dados foi feita por meio de pesquisa bibliográfica e documental a partir de leituras da história da Bibliofilia e análise documental de Bibliografias de Livros Raros. **Resultado:** A partir da análise dos paratextos das bibliografias de Clement, DeBure e Vogt foram elencados os itens que estruturam o conceito de livro raro no século XVIII, identificado como sistema axiológico da raridade. O estudo desse sistema demonstrou que a raridade é uma construção elaborada para atender aspectos específicos do coleccionismo *librario* pelo comércio livreiro. **Conclusão:** A pesquisa sinaliza que o sistema axiológico da Bibliofilia, construído entre livreiros no século XVIII, é um sistema forjado para atender exigências e pré-requisitos específicos do universo da Bibliofilia. A questão que se impõe é a necessidade de compreender esse contexto e refletir acerca da adequabilidade de seu uso na contemporaneidade, especialmente naquilo que se refere à valoração do patrimônio bibliográfico.

^a Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: dina.ufmg@gmail.com

^b Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: alcenirsoares@gmail.com

^c Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: fabrisilveira@gmail.com

Descritores: Bibliofilia, século XVIII. Bibliografia, século XVIII. Livros Raros, século XVIII. Bibliografia de Livros Raros. Sistema axiológico da raridade.

1 INTRODUÇÃO¹

Este artigo, resultado de pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI/UFMG, visa apontar e analisar as relações instituídas entre a Bibliofilia, a Bibliografia e a construção da raridade, tendo por referência teórico-metodológica as proposições da História Cultural. Em paralelo a esse eixo de discussão, busca-se compreender as práticas culturais do colecionismo *librario* em um momento específico da Bibliofilia moderna, registrada em Bibliografias de Livros Raros do século XVIII.

A consulta de Bibliografias de Livros Raros para a definição de raridade na Biblioteconomia brasileira, por exemplo, é prática consolidada entre instituições e certos grupos profissionais, especialmente entre aqueles que lidam diretamente com acervos raros e coleções especiais. Desse modo, identificar os fundamentos históricos e teóricos que amparam a formulação do conceito de livro raro no século XVIII pode trazer contribuições para, no contexto atual, ampliar seus marcadores de utilização e critérios de legitimação.

Para a realização da investigação aqui proposta, estruturou-se, em termos metodológicos, pesquisa exploratória e teórico-descritiva, tendo como enfoque uma abordagem histórico-cultural tanto da Bibliofilia, quanto da Bibliografia. A coleta de dados foi feita por meio de pesquisa bibliográfica e documental a partir de leituras sobre a história da Bibliofilia e da análise documental de Bibliografias de Livros Raros. Além disso, a leitura e

¹ Desdobramentos da pesquisa que aqui se sintetiza foram apresentados no II e III Seminário Internacional A ARTE DA BIBLIOGRAFIA e publicados nos dossiês do Seminário. As referências completas desses dois textos encontram-se dispostas abaixo:

ARAÚJO, D. M. P.; REIS, A. S. dos. Bibliotecas, Bibliofilia e Bibliografia: alguns apontamentos. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 7, p. 183-201, 2016.

ARAÚJO, D. M. P.; REIS, A. S. dos. Bibliografias setecentistas e os conceitos de livro raro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, p. 168-184, ago. 2017.

interpretação dos paratextos das bibliografias de Clement (1750-1760), DeBure (1763-1768) e Vogt (1732)² serviu de ponto de partida para elencarmos os itens que estruturam o conceito de livro raro no século XVIII, identificado como sistema axiológico da raridade.

Assim, a fim de ampliar a compreensão sobre a questão da raridade e sua construção em termos de valoração econômico-política, o presente trabalho apresenta a discussão sobre a inter-relação entre os distintos conceitos acima assinalados e aponta os aspectos histórico-culturais que dão base e legitimidade para a nomeação de raridade.

2 AS MANIFESTAÇÕES DO “*PHÉNOMÈNE BIBLIOPHILIQUE*”³

Há uma diferença radical entre uma bibliografia como repertório de textos a consultar e uma bibliografia como descrição de objetos a possuir.
(ECO, 2011, p. 61).

A partir do século XVII um fenômeno social associado à formação de bibliotecas particulares se destaca: “o surgimento e a organização progressiva de um campo autônomo na República das Letras, o campo do livro raro.” (VIARDOT, 1986, p. 584, tradução nossa)⁴, no qual os sistemas de dominação e de distinção são valorizados para a imposição de *status* social de seus membros. Nesse momento histórico, assim como em outras manifestações do colecionismo *librario*, a “apreciação bibliofílica do livro baseia-se em um

² CLÉMENT, D. **Bibliothèque curieuse historique et critique ou catalogue raisonné de livres difficiles à trouver**. Göttingen, etc.: chez Jean Guillaume Schmid, 1750-1760.

DEBURE, G.-F. **Bibliographie instructive** ou Traité de la connoissance des livres rares et singuliers... A Paris: Chez Guillaume François De Bure, 1763-1768.

VOGT, J. **Catalogvs histórico-criticus librorum rariorum**: jam curis quartis recognitus et copiosa accessione ex symbolis et collatione bibliophilorum per Germaniam doctissimorum adauctus. Hamburgi: Sumtibus Christiani Heroldi, 1732.

³ Expressão usada por Viardot (2008).

⁴ *l'émergence et l'organisation progressive d'un champ autonome dans la République des lettres, le champ du livre rare*

sistema geral de valores e exigências, que compõe o universo mental e moral do colecionador” (SORDET, 2002, p. 285, tradução nossa)⁵.

O crescimento de grupos de colecionadores proporcionou também o aumento e o incremento de publicações especializadas – as Bibliografias de Livros Raros (ARAÚJO, 2017) – que se constituíram como instrumentos de difusão e eixo central de uma estrutura singular e parcialmente autônoma do universo do livro, o “subsistema do livro raro” (VIARDOT, 1983, 1988). Um dos relevantes aspectos desse subsistema relaciona-se à consolidação da formação de bibliotecas a partir de justificativas empíricas que condicionavam o livro enquanto raro. (SORDET, 2002). Nesse sentido, as Bibliografias de Livros raros podem ser compreendidas como fundamentos para a definição da raridade no século XVIII, na França e Alemanha, por exemplo (ARAÚJO, 2017).

Nesse cenário, dois acontecimentos marcantes do comércio do livro influenciaram e propiciaram o estabelecimento do conceito do livro raro: o primeiro deles vincula-se ao surgimento de um grande corpo de livreiros que se especializaram na comercialização do livro raro, organizado por meio de corporações; e, paralelo a isso, observa-se um acelerado movimento em torno da venda pública de grandes bibliotecas formadas nos séculos anteriores (VIARDOT, 1986, p. 590).

Os catálogos de vendas públicas dessas bibliotecas veiculavam informações que individualizavam cada livro, o detalhamento do estado de conservação e ainda valorações centradas na trajetória literária da obra e também em curiosidades e singularidades do exemplar. A partir dessas práticas as vendas públicas favoreceram que um segmento do comércio livreiro se dedicasse exclusivamente ao livro antigo e raro; bem como à identificação de documentos antigos pautada em minuciosa descrição bibliográfica. Do entrecruzamento dessas práticas culturais, alimentado pelo rigor e a exigência de cientificidade que ocupavam os anseios da produção de bibliografias especializadas no século XVIII (BÁLSAMO, 1998, p. 121) nasceu um sistema, proposto por livreiros, para fundamentar o significado da raridade.

⁵ *l'appréciation bibliophilique du livre se fonde sur un système plus general de valeurs et d'exigences, qui compose l'univers mental et moral du collectionneur.*

Na França, por exemplo, Viardot (1986, p. 594) nos apresenta dois modelos de bibliotecas que foram postos em marcha nesse período: o *cabinet choisi* (biblioteca de livros seletos)⁶, que pretendia ser a continuidade da biblioteca naudeada na qual a seleção de livros era calcada nas “boas edições” e nos “bons textos” para a biblioteca do erudito, mas sem deixar de espelhar a distinção social determinada por valores antagônicos associados ao livro (útil/inútil, necessário/supérfluo, sério/frívolo, ordinário/luxuoso). A biblioteca de livros seletos era organizada, dentre outros fatores, por dois eixos principais:

a) **a natureza dos textos**, centrada na valorização das boas edições e dos reconhecidos tipógrafos – o apreço aos textos modernos, mas sem desprezar os clássicos gregos e latinos, especialmente para as edições comentadas, nas quais as edições *variorum*⁷ eram as mais desejadas; e

b) **a valorização das características materiais do livro** (papel, encadernação, revestimentos, ilustrações e, inclusive, as intervenções estéticas impostas ao objeto) são, diretamente, submetida à importância do texto e não o contrário.

O outro modelo de biblioteca particular, apresentado por Viardot é o *cabinet curieux* ou *cabinet de rareté*. Oposto ao gabinete de livros seletos, raridade e curiosidade ocupam, nesse modelo, o mesmo significado. O gabinete de raridades, inscritos na cultura da curiosidade⁸, confere valor – simbólico e financeiro – às características curiosas e não ordinárias impostas ao livro. Dessa forma, a raridade era constituída por fatores como a antiguidade, as artes gráficas, a natureza do suporte, a encadernação, o luxo das decorações, os artífices e quaisquer outros qualitativos que tornassem o livro um objeto exótico (VIARDOT, 1986, p. 597-598).

Pelo exposto, visões opostas de mundo polarizavam as disputas pelo monopólio da definição da raridade e, assim, ensejavam embates entre os

⁶ A expressão francesa é *cabinet choisi*, optamos por não traduzir a expressão. “*Le cabinet est une petite pièce et la plus retirée et la plus intime de la maison; sa situation écartée et son exgüité sont l’expression matérielle d’un nouvel art de vivre parmi les livres*” (VIARDOT, 1986, p. 596).

⁷ Edição que reúne todas as variantes conhecidas de determinado texto, seguida também dos textos dos diversos comentadores da obra. Viardot (1986, p. 604); Faria e Pericão (2008, p. 723).

⁸ Um fenômeno social marcante nas práticas do colecionismo durante os séculos XVI e XVII conforme apontam Pomian (1984, 1987, 1998), Sordet (2002) e (Viardot, 1986).

discursos da alta bibliofilia francesa com as práticas levadas a cabo por comerciantes, eruditos, bibliólogos, bibliotecários e bibliógrafos franceses e de outras partes da Europa. Conforme Balsamo (1998, p. 68) o que estava em pauta eram modelos antagônicos – visão laica *versus* visão dogmática – que dividiam os conceitos atribuídos aos livros. Essa tensão refletia, sobretudo, as diferentes estruturas de percepção da raridade, posto que correspondia a ideologias distintas. O antagonismo, livreiros *versus* eruditos, manifesto na construção do conceito de livro raro, contrapunha o contexto mercadológico ao contexto erudito associado ao livro e ao colecionismo.

As disputas se davam entre os *curiex* (*cabinet curiex*), colecionadores iletrados, e os “homens honestos” do *cabinet choisi* (VIARDOT, 1986, p. 596, 599). Nesse sentido, os livreiros especializados começaram a planejar, elaborar e difundir o conceito de livro raro em bibliografias que não privilegiassem o desejo de um grupo sobre o outro.

No cerne dessa contenda, o entendimento da raridade pelo conteúdo ou pelos aspectos materiais de um documento também alimentava a disputa da valoração de um livro em detrimento do outro. A valoração dos aspectos físicos do livro detalhadas nos catálogos visava, sobretudo, o convencimento de colecionadores para a aquisição dos livros – por certo essa era uma característica desejada pelos colecionadores do *cabinet de curiex* –, entretanto, seria incorreto afirmar que o suporte físico do texto/imagem era desvalorizado pelos bibliófilos do *cabinet choisi*, visto que nos dois modelos de bibliotecas tanto o suporte quanto as textualidades conformavam elementos específicos para o colecionismo. Nesses termos, não era conveniente que se dissociassem o discurso da materialidade.

Razão pela qual os livreiros favoreceram, em vários países da Europa, a publicação de bibliografias e catálogos de vendas com as indicações de raridade aos colecionadores que desejavam a posse dos livros enquanto objeto para distinção ou instrumento para estudos. “O que equivalia dizer que não se podia ser um bom livreiro sem uma boa base cultural” (BALSAMO, 1998, p. 133-134). A partir dessa perspectiva, o cânon de documentos gráficos repertoriados em bibliografias para a Bibliofilia atendiam abordagens simultâneas, destacando-se:

- a) A necessidade de formação de bibliotecas patrimoniais;
- b) O dialogo coerente com as modalidades de organização do conhecimento adotadas pelos responsáveis pela formação dessas bibliotecas: os bibliotecários;
- c) A imposição do discurso da raridade a partir de um sistema comprovado de conhecimento que poderia ser demonstrado empiricamente.

Sem perder de vista tais disposições e inserindo-se no cerne dessas disputas, uma bibliografia produzida no auge da Bibliofilia francesa do século XVIII é a *Bibliographie instructive* (1763-1768) do livreiro Guillaume-François DeBure. Antes de publicar essa obra seu autor usou o pseudônimo de “Debude” para colocar em circulação um opúsculo que apresentava a lista alfabética de 510 documentos impressos entre os anos de 1457 e 1737. (VIARDOT, 2008. p. 177). No opúsculo, *Musaeum Typographicum* (1755), DeBure detalhou a raridade de cada documento (VIARDOT, 2008, p. 173; VARELA-OROL, 2016), contudo, transpondo as barreiras de um trabalho meramente descritivo, estabeleceu e justificou a necessidade de classificar a raridade em **níveis**. Ele tornou público, nesse folheto, o gosto da Bibliofilia pela raridade em seus diversos níveis e o “gosto pela raridade superlativa”, que, no século XVIII, especialmente na França, podia ser percebido a partir das coleções de grandes bibliófilos e pelos gabinetes de livros raros. *Musaeum Typographicum* assinala, portanto, o início de uma verdadeira profusão de qualitativos da raridade bibliofílica, que dava ao adjetivo “raro” a superioridade sobre o próprio objeto e, por vezes, os bibliófilos se mostravam menos atentos à formação de uma coleção de livros para concentrarem esforços na formação de uma coleção de raridades (VIARDOT, 2008, p. 170-171). Em função disso, Viardot identifica esse século como o século da paixão pelos livros raros e, conseqüentemente, o século da afirmação da raridade bibliofílica.

As Bibliografias de Livros Raros tornaram-se, a partir de DeBure, o território de avaliação e de indicação da raridade. O ponto fundamental a ser considerado é que essas bibliografias passaram a definir quais livros eram legítimos de serem colecionados e, também, passaram a delimitar o “domínio do colecionável” (VIARDOT, 2008, p. 280, tradução nossa)⁹.

⁹ *domaine designe du collectionnable.*

A difusão dessas abordagens, no seio da Bibliofilia, fez com que, gradativamente, o conceito de livro raro passasse a ser demarcado simbólica, social e economicamente por meio da edificação de um sistema que determinava, empiricamente, a raridade a partir de níveis, elementos condicionantes e qualitativos. Vogt (1732) identificou essa estrutura como *axiomas da raridade*. As Bibliografias de Livros Raros, daquele século, divulgavam, assim, o sistema axiológico da raridade.

Em pesquisas atuais o estudo sobre esse sistema de raridade pode ser identificado em Sordet (2002, p. 285), para o qual, os elementos acionados para demarcar a raridade de um documento gráfico são: a) raridade objetiva (escassez); b) valor arqueológico; c) valor estético; d) completude; e) condição; f) correção filológica.

Após avaliarmos mais de uma dezena de Bibliografias de Livros Raros publicadas no século XVIII podemos afirmar que as estruturas para a classificação da raridade variavam de livreiro para livreiro e de país para país, contudo, a seguinte afirmação de Viardot nos chamou a atenção:

Embora a classificação dos livreiros seja mantida apenas como uma estrutura conveniente para a distribuição de títulos, a ordenação real das coleções descritas [nessa estrutura] aparenta mais efetivamente a forma de uma pirâmide cujo cume é constituído pelo ponto máximo da raridade. (VIARDOT, 2008, p. 174, tradução nossa)¹⁰.

Viardot esclarece que a imagem da pirâmide é uma proposição de Jean Toulet¹¹ em relação às análises da hierarquização de exemplares vinculadas às práticas bibliofílicas dos séculos XIX e XX. Para Viardot a mesma proposta poderia ser adotada para avaliar as práticas bibliofílicas da raridade que tiveram lugar no século XVIII. Foi o que fizemos com as bibliografias selecionadas em nossa pesquisa, cujos aspectos metodológicos são descritos a seguir.

¹⁰ *Tandis que la classification des libraires ne se maintient que comme un cadre commode de répartition des titres, le véritable ordonnancement des collections ainsi décrites affecte plus réellement la forme d'une pyramide dont le sommet est constitué par la fine pointe de la rareté.*

¹¹ TOULET, J. La notion d'exemplaire. **Mélanges de la Bibliothèque de la Sorbonne**, n. 10, 1990.

3 METODOLOGIA

Tendo-se em vista assinalar os elementos que prefiguram esse sistema axiológico da raridade, empreendemos pesquisa exploratória e teórico-descritiva amparada por um olhar histórico-cultural acerca da Bibliofilia e da Bibliografia. A coleta de dados se efetivou por meio de pesquisa bibliográfica e documental a partir de leituras da história da Bibliofilia e análise documental de Bibliografias de Livros Raros.

O levantamento das Bibliografias de Livros Raros se deu por meio de buscas em bibliotecas digitais (*Archives, E-rara.ch, Gallica-BnF, World Digital Library* e outras) com o objetivo de localizar Bibliografias que apresentavam discussões ou relatos sobre raridade. O total de bibliografias localizadas, cuja data de publicação se deu entre os séculos XVII e XIX, foram de 102 publicações editadas em países como Alemanha, Holanda, França, Inglaterra, Itália¹². Em função da necessidade de identificar como as bibliografias selecionadas definiam o livro raro, analisamos os seus elementos paratextuais constituídos por: notas ao leitor, agradecimentos, prefácios e posfácio. Apenas como proposta operativa, agrupamos as bibliografias em três grandes períodos:

1. O primeiro período corresponde ao século XVII, no qual as bibliografias apenas citam o termo “livro raro” sem pretensões de estabelecer conceitos para a raridade ou mesmo de justificar a adoção da expressão “raro”. De modo geral, elas indicam que repertoriam escritos autógrafos, edições príncipes de textos gregos e latinos, textos difíceis de localizar, indicações de obras célebres para a República das Letras, efemérides relacionadas às publicações, entretanto, não formulam um discurso direcionado para o conceito da raridade.
2. No segundo período, século XVIII, as bibliografias não apenas citam o livro como raro, mas buscam definir o conceito de raridade. Nesse grupo, além do aumento do uso da expressão “livro raro” surgem, também, iniciativas para construção dos discursos acerca do conceito de raridade.

¹² É importante frisar que o número de bibliografias identificadas não corresponde ao total de Bibliografias de Livros Raros produzidas nesses séculos, mas sim às publicações que atendiam nosso critério de seleção e estavam disponíveis *online* nas datas do levantamento de dados para nossa pesquisa em 2016.

3. No terceiro período, correspondente aos séculos XIX e XX, dentre outros fatores, as bibliografias se caracterizam por consolidar o conceito de raridade definido no século anterior. Entretanto, sem perder o referencial de raridade do século XVIII, ramificam novas definições de raridade em um esforço para criação de níveis de raridade, de possibilidades contextuais dos elementos condicionantes e de multiplicação dos qualitativos da raridade.

Após as análises dos repertórios, e objetivando-se identificar o sistema axiológico de construção da raridade no contexto da Bibliografia e da Bibliofilia praticada no século XVIII, foram selecionadas as bibliografias de Clement, DeBure e Vogt como as mais representativas da categoria “Bibliografia de Livros Raros”. A seleção desses três bibliógrafos se deu por três motivações:

- a) a indicação unânime, em Bibliografias de Livros Raros, de que essas bibliografias são obras fundadoras do conceito de livro raro;
- b) o século XVIII foi o auge da Bibliofilia na Europa e, associado à essa fase de ouro, está o crescimento das publicações de Bibliografias de Livros Raros, conforme apontam teóricos como Balsamo (1998), Malclès (1956), Sordet (2002), Viardot (1986, 1988, 2008, 2015) – que também reforçam a significância das bibliografias de Clement, DeBure e Vogt como mediadoras do conceito de livro raro;
- c) um outro fator que reforçou a seleção foi a indicação dessas duas bibliografias na produção intelectual da B & CI brasileira como fontes para pesquisas acerca da raridade.

Justificada a seleção e feito o estudo dos elementos condicionantes foi possível constatar que o desejo pela singularidade é a base da raridade. Acentuamos de modo mais claro os elementos que nos permitem efetuar tal afirmativa na seção abaixo, cujo foco da discussão incide sobre os resultados da pesquisa.

4 RESULTADOS

Com base nos estudos de Sordet (2002) e Viardot (2008) e em nossas análises das bibliografias de Clement, DeBure e Vogt identificamos que o sistema axiológico da raridade constitui-se em um esforço, reflexo das práticas do colecionismo, para se justificar a singularidade de um documento gráfico. Em função disso, ressalta-se que esse sistema foi construído, empiricamente, a

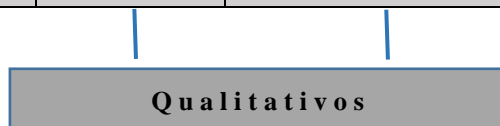
partir de níveis, elementos condicionantes, qualitativos (características individualizantes) acionados e justificados pela teoria da raridade (um livro é raro se é procurado por um bibliófilo). Ao avaliar os paratextos das bibliografias publicadas por Clement, Debure e Vogt, identificamos que elas estabeleciam um sistema axiológico para a definição da raridade composto por:

- a) níveis;
- b) elementos condicionantes; e
- c) qualitativos.

A estrutura elaborada para o Quadro 1 visou sintetizar o conjunto de qualitativos que compõem o sistema axiológico adotado pela Bibliofilia naquilo que concerne à atribuição de raridade.

Quadro 01 – Sistema axiológico da Bibliofilia: elementos e qualitativos da raridade

Elementos condicionantes	Materialidade	Escassez	Proveniência	Discursos
Singularidade	<ul style="list-style-type: none">• Encadernação de luxo• Ilustrações em gravura em metal por “D” e “E”	<ul style="list-style-type: none">• Exemplares destruídos em incêndio	<ul style="list-style-type: none">• Publicado pelo tipografo A, na França, século XVIII.• Pertenceu à biblioteca do magistrado B, possui <i>ex-dono, ex-libris</i>, marginalia.• Edição clandestina	<ul style="list-style-type: none">• Vida privada referente à monarquia francesa
Singularidade				
Singularidade				
Singularidade				
Singularidade				



Fonte: (ARAÚJO, 2017, p. 123)

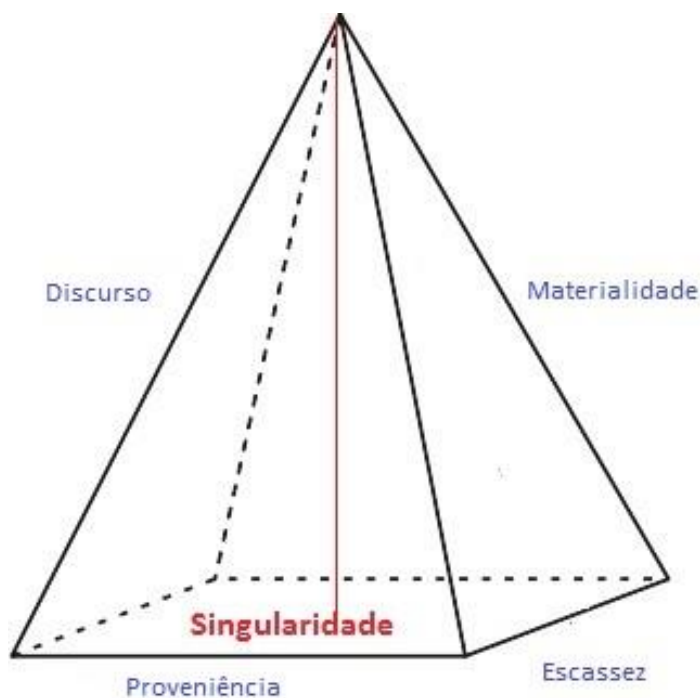
No preenchimento efetivo do Quadro 1, tal como exemplificado acima, os qualitativos preenchem todos os elementos condicionantes da raridade. Entretanto, é importante frisar que quando um desses elementos está ausente do processo de construção da singularidade, não quer dizer que ele não exista na produção do documento, mas sim que ele não foi acionado como elemento definidor de distinção. Ainda observando o Quadro 1, percebemos que os qualitativos podem se repetir em outros elementos, ou seja, a divisão desses elementos se procedeu como estratégia de apreensão da raridade no contexto

da nossa proposição de análise. Na realidade, esses elementos não são estanques, antes têm limites tênues e entrelaçam-se a cada novo contexto.

De modo geral, os níveis classificavam a raridade; os elementos entrelaçavam a classificação e correspondiam à escassez, materialidade, proveniência e discurso (texto e alma); e os qualitativos correspondiam às informações que individualizavam cada documento. Atentando, pois, para a interdependência dos itens desse sistema, propomos uma perspectiva tridimensional daquele sistema axiológico em forma de pirâmide, um poliedro formado por cinco faces (Figura 1). Tal como está disposto na pirâmide, a base é a singularidade, as faces laterais são: a materialidade; a escassez; a proveniência; e o discurso. Ao crescer verticalmente, da base para o vértice superior, alcança-se o ápice da singularidade em seu superlativo. As arestas e vértices comprovam que cada elemento só pode ser identificado se indissociável do todo.

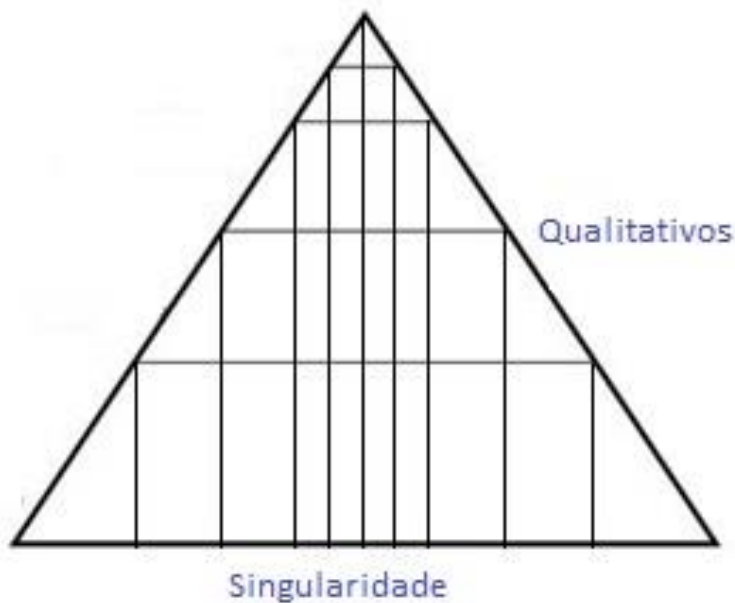
Outra forma de se compreender a interação entre esses elementos é a imposição de um corte transversal nesse sólido geométrico (Figura 2). Nessa nova proposta incluem-se linhas horizontais e verticais. Cada figura formada pelo encontro dessas linhas representa a combinação de níveis distintos dos quatro elementos e, assim, níveis diversos de raridade e as possibilidades para sua definição.

Figura 1 – Qualitativos da raridade bibliofílica – elementos indissociáveis



Fonte: (ARAÚJO, 2017, p. 98)

Figura 2 – Qualitativos da raridade bibliofílica – níveis de raridade



Fonte: (ARAÚJO, 2017, p. 98)

As duas imagens são ilustrativas da multiplicidade de combinações que podem ser construídas tendo por base o sistema axiológico da Bibliofilia (níveis, elementos e qualitativos).

Os elementos do sistema axiológico da raridade podem ser compreendidos a partir de uma teia sociocultural que condiciona, por meio de contextos espaço-temporais, a singularidade do documento. A seguir apresentamos os qualitativos associados a cada elemento:

1. **Materialidade (corpus):** inclui os qualitativos de raridade associados ao documento em sua forma física, composto por materiais e modelos técnicos e estéticos que são acionados para confirmar sua singularidade. Nessa categoria se incluem as materialidades das artes gráficas, as características tipográficas e editoriais, a ornamentação, a encadernação, a decoração e as edições especiais por suas características físicas.

2. **Escassez:** incluem-se nesse elemento os documentos dos quais se conhecem poucos exemplares, porque foram destruídos ao longo do tempo por guerras, catástrofes, fogo, água e ação humana. Livros dos quais foram publicados poucos exemplares – aqui entram as edições limitadas, clandestinas, primitivas, *princeps*, numeradas, esgotadas, fora do mercado.

3. **Proveniência:** o tempo cronológico se enquadra nesse elemento, primeiro porque corresponde a contextos espaços-temporais específicos e, segundo, porque o tempo impõe suas marcas no documento que, por sua vez, tornam-se testemunhos do histórico custodial vivenciado pelo documento. As inscrições adquiridas ao longo do tempo (marcas de posse, marcas e leitura, marcas de circulação, marginalias, envelhecimento causado pelo tempo, *ex-donos*, *ex-libris*, *ex-biblioteca*, *super-libris*) terão valor de destaque na qualificação da singularidade. Fazem parte dessa categoria os autores, os artistas, os artesãos, os bibliófilos, os editores, os críticos, dentre outros. Também estão presentes nesse elemento as vicissitudes, curiosidades e efemérides associadas ao documento (erros gráficos e tipográficos, histórico editorial).

4. **Discurso (alma):** refere-se à relevância atribuída à recepção do texto e/ou da imagem e sua importância nos campos do conhecimento (astronomia, medicina, direito, religião, por exemplo). Essa categoria inclui as mais diversas manifestações da cultura gráfica.

Em termos de síntese e de resultados, as análises indicam que as Bibliografias de Livros Raros do século XVIII buscaram definir a raridade bibliográfica por meio da constituição de um sistema axiológico, cujos aspectos mais específicos se davam a ver em níveis e em formas de individualização do

documento. Dito isso, é possível ressaltar que as contribuições mais específicas e significativas de cada bibliografo foi o estabelecimento de:

- a) níveis e elementos de raridade, por Clement (1750-1760) em *Bibliothèque curieuse historique et critique, ou Catalogue raisonné de livres difficiles à trouver*,
- b) níveis, elementos, qualitativos e da Teoria da Raridade, por DeBure (1763-1768) em *Bibliographie instructive ou Traité de la connoissance des livres rares et singuliers*; e
- c) todos os itens “a” e “b” listados acima e a estruturação do sistema axiológico da raridade, por Vogt (1732, 1747) em *Catalogvs histórico-criticus librorum rariorum*.

Em termos práticos, portanto, DeBure dedica-se aos níveis e aos qualitativos da raridade, mas seu grande impacto é com a definição da Teoria da Raridade. Por sua vez Clement dedicou-se, sobretudo, às explicações dos níveis de raridade apresentando os elementos condicionantes desses níveis. Tanto DeBure quanto Clement, não deixam de incluir em seus discursos os qualitativos da raridade. O *Catalogvs* de Vogt tem o mérito de reunir os discursos de raridade que circulavam em diversas e dezenas de bibliografias para a Bibliofilia, compreende-los enquanto um sistema axiológico, e estabelecer a *Axiomata* – sistema que pode ser compreendido como fundador de um movimento em prol das significações do livro raro a partir daquele período.

5 CONCLUSÃO

A caracterização e análise do sistema axiológico da raridade no século XVIII demonstrou que os parâmetros acionados para se definir o conceito de livro raro foram elaborados visando-se atender aspectos específicos do colecionismo *librario*, especialmente na esfera do comércio livreiro.

Percebida enquanto fenômeno cultural, a raridade pode ser compreendida pelas práticas que reforçam sua construção social. No contexto dos comportamentos de diferenciação e de exceção da Bibliofilia, a urgência pela demarcação da raridade pode ser compreendida, em linhas gerais, a partir das Bibliografias produzidas por livreiros que se especializaram no comércio de

livros antigos e raros. Nesse sentido, a raridade emerge do comércio livreiro e do mercado que legitima e difundi seu estatuto.

Pelo exposto, a raridade é projetada, construída e disseminada no território da Bibliofilia pela comunidade de atores que constituem e que conferem dinamicidade ao universo *librario*. A raridade, enquanto fruto das diversas singularidades **atribuídas** ao livro, corresponde a uma construção sociocultural que edifica suas bases em significados específicos da/e para a comunidade que a vivencia.

Não se pretende com essas afirmativas defender que a raridade no século XVIII **explica** a raridade atualmente, ou mesmo defender qual **sistema** de raridade é mais ou menos **legítimo**. As Bibliografias de Livros Raros, desde o século XVIII, demonstram que o sistema para definição da raridade é dinâmico e fluido e que, em suas linhas e entrelinhas, estão demarcados também desejos e visões de mundo específicos. Em outras palavras, os conceitos são construtos sociais que se modificam, transmutam, perdem e ganham novos sentidos.

Pesquisar sobre um sistema que construiu a raridade nos possibilitou ampliar as discussões sobre as intenções, os significados e as justificativas criadas para as atribuições de raridade *libraria*. Lentes que podem ser adotadas para refletir sobre o livro raro na Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira na atualidade. Desse modo, uma das questões que surgem é a necessidade de se analisar o contexto de construção da raridade e a adequabilidade de seu uso restrito na contemporaneidade, especialmente em termos da valoração do patrimônio bibliográfico e da formação e preservação de coleções raras e especiais.

A adoção de Bibliografias de Livros Raros para a confirmação de raridade é decisão que exige esforços de contextualização das questões histórico-culturais que envolvem a produção desses repertórios. A validação da raridade em nossos dias, especialmente em termos dos critérios e atributos consolidados nas Bibliografias de Livros Raros dos séculos XVIII, pode enevoar os significados e as dinâmicas de trabalho vinculadas à formação, organização e preservação do patrimônio em bibliotecas institucionais. Nesse sentido, a adoção do império da raridade bibliofílica enquanto conceito definidor de

distinção para a preservação exige a ampliação da discussão e sua aproximação com o campo do patrimônio.

Isso porque, apreender o livro enquanto patrimônio cultural pressupõe seu reconhecimento e aproximação a dado contexto e grupo social. O patrimônio *librario* é um bem coletivo, no qual a dimensão simbólica direciona-se para o conhecimento e o desenvolvimento de um bem cultural que é público e que tem por finalidade a construção de uma identidade coletiva. Finalmente, fazendo coro com os vários autores com os quais dialogamos, defendemos a vocação patrimonial das bibliotecas institucionais que resguardam livros raros e coleções especiais, e, ressaltamos, também, a importância formativa/educativa desses acervos para a cidadania, elementos que, por certo, exigem constante reflexão sobre os significados da raridade.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, D. M. P. **Bibliofilia e Livros Raros na perspectiva histórico-cultural: uma abordagem crítica às visões instituídas na Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira**. 2017. 213 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2017.
- ARAÚJO, D. M. P.; REIS, A. S. dos. Bibliografias setecentistas e os conceitos de livro raro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, p. 168-184, ago. 2017.
- _____. Bibliotecas, Bibliofilia e Bibliografia: alguns apontamentos. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 7, p. 183-201, 2016.
- BALSAMO, L. **La bibliografía: historia de una tradición**. Espanha: Ediciones Trea, 1998.
- CLÉMENT, D. **Bibliothèque curieuse historique et critique ou catalogue raisonné de livres difficiles à trouver**. Göttingen, etc.: chez Jean Guillaume Schmid, 1750-1760.
- DEBUDE. **Musaeum Typographicum...** [Paris: Chez Guillaume François De Bure], 1755.
- DEBURE, G.-F. **Bibliographie instructive ou Traité de la connoissance des livres rares et singuliers...** A Paris: Chez Guillaume François De Bure, 1763-1768.

ECO, U. **A memória vegetal**: e outros escritos de bibliofilia. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 271 p.

FARIA, M. I. R. de; PERICÃO, M. da G. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: EDUSP, 2008. 761 p.

MALCLES, Louise Noelle. **La bibliographie**. Paris: 1956. 134 p.

POMIAN, K. **Colecção**. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. **Memória/História**. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda, 1984. p. 51-86. v. 1.

_____. **Collectionneurs, amateurs et curieux**: Paris, Venise : XVIe-XVIIIe siecle. Paris: Gallimard, 1987. 367 p.

_____. K. História cultural, história dos semióforos. In: RIOUX, J. P.; SIRINELLI, J. F. (Org.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

SORDET, Y. Bibliophilie. In: FOUCHÉ, P.; PÉCHOIN, P.; SHUWER, P. (Dir.) **Dictionnaire encyclopédique du livre**. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2002, p. 281-286. v. 1 .

VARELA-OROL, C. El concepto de libro raro en el siglo XVIII: la recepción de la obra de David Clément en España. **Revista General de Información y Documentación**. n. 26, 2016, p. 631-650.

VIARDOT, J. Le livre rare: collectionneurs et marchands spécialisés de Naudé à Nodier. **Bulletin du bibliophile**, n.2, 1983, p.157-173.

_____. Livres rares et pratiques bibliophiliques. In: CHARTIER, R.; MARTIN, Henri-Jean. (Dir.). **Histoire de l'édition française**: le livre triomphant 1660-1830. Paris: Promodis, 1986. p. 583-614. v. 2.

_____. Naissance de la bibliophilie: les cabinets de livres rares. In: JOLLY, C. **Histoire des bibliothèques françaises**. Paris: Promodis, 1988. t.2, p.269-289.

_____. **Un épisode du collectionnisme en fait de livre au XVIII^e siècle**: le Musaeum Typographicum ou le goût des raretés superlatives. **Littératures classiques**, 2008, n. 66, p. 161-178.

VOGT, J. **Catalogvs histórico-criticus librorum rariorum**: jam curis quartis recognitus et copiosa accessione ex symbolis et collatione bibliophilorum per Germaniam doctissimorum adauctus. Hamburgi: Sumtibus Christiani Heroldi, 1732.

_____. **Catalogus historicocriticus librorum rariorum...** Hamburgi: Christiani Heroldi, 1747.

BIBLIOFILIA, BIBLIOGRAPHIES AND THE CONSTRUCTION OF THE RARE BOOK'S AXIOLOGICAL SYSTEM

ABSTRACT

Introduction: It presents and discusses sociocultural practices related to Bibliophilia and Bibliography that contributed to the elaboration of the concept of a rare book in modern Bibliophilia in the 18th century. **Objective:** To identify the historical and theoretical foundations that support the formulation of the rare book concept in the eighteenth century, especially in the universe of Bibliophilia, in order to contextualize the definition of rarity. **Methodology:** For that, an exploratory and theoretical-descriptive research with historical-cultural focus was carried out for Bibliophilia and Bibliography. The collection of data was done through bibliographical and documentary research from readings of the history of Bibliophilia and documentary analysis of Bibliographies of Rare Books. **Result:** Based on the analysis of the paratexts of the bibliographies of Clement, DeBure and Vogt were enumerated the items that structure the construction of the rare book concept in the eighteenth century, identified as the axiological system of rarity. The analysis of this system showed that the rarity is a construction elaborated to attend specific aspects of book collecting by the book trade. **Conclusion:** The research indicates that the axiological system of Bibliophilia, built among booksellers in the eighteenth century, is a system forged to meet specific requirements and prerequisites of the universe of Bibliophilia. The issue that needs to be addressed is the need to understand this context and reflect on the appropriateness of its use in the contemporary context, especially in what concerns the valuation of cultural bibliographic heritage.

Descriptors: Bibliophilia, 18th century. Bibliography, 18th century. Rare Books, 18th century. Bibliographies of Rare Books.

BIBLIOFILIA, BIBLIOGRAFÍAS Y LA CONSTRUCCIÓN DEL SISTEMA AXIOLÓGICO DE LA RARIDAD

RESUMEN

Introducción: Presenta y discute prácticas socioculturales vinculadas a la Bibliografía y a la Bibliografía que contribuyeron a la elaboración del concepto de libro raro en la Bibliofilia moderna en el siglo XVIII. **Objetivo:** Identificar los fundamentos históricos y teóricos que amparan la formulación del concepto de libro raro en el siglo XVIII, especialmente en el universo de la Bibliofilia, con el intuito de contextualizar la definición del libro raro. **Metodología:** Se realizó una investigación exploratoria y teórico-descriptiva con enfoque histórico-cultural para la Bibliografía y la Bibliografía. La recolección de datos fue hecha por medio de investigación bibliográfica y documental a partir de lecturas de la historia de la Bibliofilia y análisis documental de Bibliografías de Libros Raros. **Resultado:** A partir del análisis de los paratextos de las bibliografías de Clement, DeBure y Vogt se enumeraron los elementos que estructuran la construcción del concepto de libro raro en el siglo XVIII, identificado como sistema axiológico de la rareza. El análisis de ese sistema demostró que la rareza es una construcción elaborada para atender aspectos específicos del coleccionismo librero por el comercio librero. **Conclusión:** La investigación señala que el sistema axiológico de la Bibliofilia, construido entre libreros en el siglo XVIII, es un sistema forjado para

satisfacer exigencias y prerequisites específicos del universo de la Bibliofilia. La cuestión que se impone es la necesidad de comprender ese contexto y reflexionar acerca de la adecuación de su uso en el contexto contemporáneo, especialmente en lo que se refiere a la valoración del patrimonio bibliográfico.

Descriptores: Bibliofilia, siglo XVIII. Bibliografía, siglo XVIII. Libros raros, siglo XVIII. Bibliografía de libros raros.

Recebido: 10.05.2018

Aceito: 25.08.2018